

DOURADO, Autran (Waldomiro Freitas)

Escritor brasileiro (n. Patos, Minas Gerais, 18.1.1926). Passou a infância em Monte Santo de Minas, onde fez o curso primário. Prossegue os estudos num internato em São Sebastião do Paraíso, experiência que viria a estar na origem de um grupo de textos («Três histórias num internato») do livro *Nove Histórias em Grupos de Três* (1957), livro posteriormente integrado em *Solidão Solitude* (1972). Em Belo Horizonte vai terminar os estudos secundários e diplomar-se pela Faculdade de Direito. É também nesta cidade que irá iniciar a actividade jornalística no *Estado de Minas* e fundar, com um grupo de jovens escritores, a rev. literária *Edifício*. Minas Gerais ocupará um lugar privilegiado na obra do escritor. Mais do que mero cenário, o universo mineiro surge como força propulsora, acontecendo mesmo em certos textos haver lugares que assumem o estatuto de personagem. Os relatos focam quase sempre atmosferas decadentes: o declínio de uma sociedade ou o fracasso económico de uma época; estagnação que é antevista em títulos como *Os Sinos da Agonia* (1974), cuja acção se desenrola em Vila Rica no séc. XVIII ou em *Ópera dos Mortos* (1967). Justamente neste livro aparece um lugar mítico recorrente na ficção de A. D.: «Duas Pontes», uma povoação imaginária situada no interior de Minas.

Numa declaração de intenções, no início de um livro publicado em 1973 com o nome *Uma Poética de Romance*, ao falar «da necessidade de uma arte poética», o autor refere o procedimento pouco usual na literatura brasileira de um escritor de ficção «fazer a análise da sua obra». Neste livro, que numa edição posterior, em 1976, recebe o significativo subtítulo «matéria de carpintaria», A. D. centra-se sobretudo na desmontagem dos procedimentos de composição do seu romance *O Risco do Bordado* (1970). A intencional desmontagem torna-se experiência reveladora. Esta preocupação teórica manifesta-se ainda em inúmeros ensaios à volta da criação romanesca (v. *O Meu Mestre Imaginário*, 1982) ou em paratextos sobre os princípios da construção textual (v. a «História de uma es-

tória», no final de *Uma Vida em Segredo* (1964) ou «Provocação do visitante» em *As Imaginações Pecaminosas*, 1981). O carácter metaficcional assume uma grande importância na produção de um autor atento que, nas suas narrativas, à imaginação criadora associa a capacidade interpretativa. Como consequência deste pendor metaficcional sobressai um ideal construtivista, percebendo-se em relação a cada livro uma extraordinária preocupação com a arquitectura. Por outro lado, podemos considerar na sua obra os vários livros como unidades que se dispõem umas em função das outras, confluindo no delineamento de um projecto totalizador. Atente-se na revisitação de figuras (lugares e personagens) como é o caso do clã dos Honório Cota que tem a sua decisiva aparição em *Ópera dos Mortos*. O avô de Rosalina, a personagem central deste romance, irá protagonizar um livro que recebe como título o seu nome: *Lucas Procópio* (1985). Vai aqui denunciar-se uma indevida apropriação do nome, o suposto Lucas Procópio não é, afinal, vem o leitor a saber, o verdadeiro avô de Rosalina; denúncia que implica um propósito desmitificador relativamente às poderosas famílias mineiras e à veracidade genealógica dos seus pergaminhos. Em livro posterior, cheio de referências míticas e filosóficas, *Um Cavalheiro de Antigamente* (1992), aparece outra personagem central, também familiar no universo de A. D., agora a figura solar de João Capistrano, o pai de Rosalina. Refira-se ainda uma personagem que transita neste labiríntico universo de regressos e reenvios: João Fonseca Nogueira, um *alter-ego* do autor que aparecia em *O Risco do Bordado* e que vamos reencontrar no romance *A Serviço de El-Rei* (1984) ou mais tarde em *Um Artista Aprendiz* (1989), este último de fortes ressonâncias autobiográficas.

Os aspectos estruturais aparecem intimamente associados a um outro elemento caracterizador da sua escrita: a feição intimista. Daí resulta a prevalência concedida à corrente de consciência que se materializa no manejo hábil do monólogo interior e do discurso indirecto livre. As excepcionais qualidades de narrador revelam uma escrita de recorte classici-

zante; a esse apuramento da escrita associa-se um forte pendor alusivo de que são exemplo maior os dois belos romances eminentemente simbólicos: *A Barca dos Homens* (1961) e *Ópera dos Mortos* (1967).

OBRAS (além das referidas): *Teia*, 1947; *Sombra e Exílio*, 1950 (livros integrados no vol. *Novelas de Aprendizado*, 1980); *Três Histórias na Praia*, 1955 (integrado em *Solidão Solitude*), *Novelário de Donga Novais*, 1978; *Violetas e Caracóis*, 1987.

BIBLIOGRAFIA: Maria Lúcia Lepecki, *Autran Dourado: Uma Leitura Mítica*, São Paulo/Brasília, 1976; Fábio Lucas, *A Face Visível*, São Paulo, 1973; Massaud Moisés, *História da Literatura Brasileira*, vol. v, São Paulo, 1989; Eduardo Portela, *Dimensões II*, Rio de Janeiro, 1959; Giovanni Ricciardi, *Auto-Retratos*, São Paulo, 1991; Malcolm Silverman, *Moderna Ficção Brasileira*, Rio de Janeiro/Brasília, 1978.

Carlos Mendes de Sousa